

TRADUÇÃO

Microbiologia da presença. Sobre a arte de Anna Zagrodzka

Microbiology of Presence: On the Art of Anna Zagrodzka

Ewa Domańska (Adam Mickiewicz University, Poznań)
Tradução de Taynna Marino

Publicado originalmente em: DOMAŃSKA, Ewa. "Mikrobiologia obecności. O sztuce Anny Zagrodzkiej," *Przegląd Kulturoznawczy*, v. 52, n. 2, 2022, pp. 304-314. DOI: 10.4467/20843860PK.22.021.16318

Resumo: Este artigo analisa o projeto *Alternaria alternata*, de Anna Zagrodzka, relacionando genocídio, ecocídio e conservação dos campos de extermínio nazistas. Por meio da análise das fotografias da artista e de referenciais das humanidades laboratoriais e da etnografia multiespécies, demonstra como a arte evidencia processos de adaptação da vida e contribui para refletir sobre futuros cenários diante de crises ambientais e humanas.

Palavras-chave: resiliência; adaptação; artes da atenção; Anna Zagrodzka; fotografia polaroid.

Abstract: This article analyzes Anna Zagrodzka's project *Alternaria alternata*, drawing connections between genocide, ecocide, and the preservation of Nazi extermination camps. Through an analysis of the artist's photographs and frameworks from laboratory humanities and multispecies ethnography, it demonstrates how art highlights processes of life's adaptation and contributes to reflections on future scenarios amidst environmental and human crises.

Keywords: resilience; adaptation; arts of attentiveness; Anna Zagrodzka; polaroid photography.

DOI: 10.47456/rf.rf.2234.53358

As fotografias de Anna Zagrodzka¹ oferecem uma visão intrigante sobre os espaços e as micro-violências, a desumanização, o trauma, o testemunho e a memorialização das vítimas, a partir das pesquisas que, até então, constituem o centro das atenções de especialistas em conservação, especialmente no âmbito da microbiologia (Cf. Jach, 2017). As perícias dos especialistas determinam o tipo de degradação material e identificam culturas bacterianas, fungos e mofo com o objetivo de selecionar o método mais eficaz para remover esses “inimigos da memória” que destroem as evidências dos crimes (Cf., por exemplo, Gutarowska, 2015). Oskar Hansen, em sua obra *Path* (em português, “caminho”), produziu um efeito similar. Inicialmente, o artista pretendia espalhar substâncias químicas no Complexo de Birkenau (Auschwitz II), que esterilizariam o solo, transformando a área em uma espécie de *ground zero*. Isso significaria que, para preservar os locais de extermínio, se mata a natureza, as plantas, os pequenos mamíferos e os insetos e, por isso, a memorialização do extermínio de seres humanos acarreta no extermínio deliberado e planejado de diversas entidades não humanas, o mundo dos campos de extermínio nazistas, associando os interesses humanos à questão do extermínio institucionalizado, de modo que o genocídio é curado com biocídio e ecocídio.

A obra de Zagrodzka, *Podział zieleni* [Divisão da Vegetação] (2017), comenta as recomendações dos conservacionistas relativas à remoção de “ervas daninhas” das construções e seus arredores, bem como à classificação das plantas em desejáveis e indesejáveis. As fotografias da artista documentam, no entanto, não apenas os efeitos desse tipo de prática, mas também a natureza destrutiva de atores não humanos que lutam por sobrevivência, espaço e dominação. Elas mostram a proliferação agressiva da vida propriamente dita e os processos de regeneração não planejados (e, muitas vezes, indesejados) dos espaços de morte humana por bactérias e fungos que colonizam as evidências do crime. Nas representações da artista, a microbiologia da presença, que domina o espaço, demanda a consideração pelo “direito universal de respirar” – como Achille Mbembe denominou – e que se leve em conta também aquelas formas de existência que não precisam de oxigênio para viver (organismos anaeróbicos, bactérias, fungos, protozoários etc.). Como escreve Mbembe (2020, s.p.):

Simultaneamente acima do chão e nosso chão comum, o direito universal à respiração não é quantificável. Não é apropriável. É um direito relativo à universalidade, não apenas de cada membro da espécie humana, mas do vivo na sua totalidade. É preciso então compreendê-lo como um direito fundamental à existência. Enquanto tal, não pode ser confiscado e, por isso, escapa a toda a soberania, uma vez que recapitula o princípio soberano

1 Anna Zagrodzka (nascida em 1991, em Varsóvia, Polônia) formou-se em fotografia na Faculdade de Operação de Câmera da Escola Superior Estatal de Cinema, Televisão e Teatro de Łódź e em tecnologia de alimentos na Faculdade de Biotecnologia e Ciências da Alimentação da Universidade Politécnica de Łódź. Em sua obra, ela analisa as relações entre ciência e arte, combinando fotografia com instalações de vídeo e som. Cf. Ewa Toniak (2017); Pijarski e Zagrodzka (2021).



Figura 1. Anna Zagrodzka, "Alternaria alternata," fot. Anna Zagrodzka.

em si. Ele é, além do mais, um direito originário de habitação da Terra, um direito próprio da comunidade universal dos habitantes da Terra, humanos e não humanos.

Zagrodzka ilustra a propagação da vida e sua ubiquidade por meio do uso da fotografia infravermelho (IR), na qual tudo o que está vivo aparece branco. Ela também nos lembra que a vida pode existir sem oxigênio. A tolerância e a capacidade de utilizar o oxigênio, que era um veneno para as formas de vida primitivas, são resultado da evolução e dos processos de adaptação. Nesse contexto, o "direito universal de respirar" não é sinônimo ao "direito fundamental à existência", mas subordinado a este. O direito fundamental à existência abrange tanto organismos vivos quanto inanimados (vírus, por exemplo), aeróbicos e anaeróbicos, enquanto o direito de respirar, sobre o qual escreve Mbembe, privilegia os organismos vivos que necessitam de oxigênio.²

² É importante ressaltar que alguns microrganismos, como os procariontes, têm a capacidade de realizar respiração anaeróbica.

Considerarei os trabalhos de Anna Zagrodzka, discutidos a seguir, como uma oportunidade para refletir sobre a resiliência comunitária, que entenderei aqui como a capacidade de diversas formas de existência (humanas e não humanas, orgânicas e não orgânicas) de realizar uma “adaptação positiva”, ou seja, a criação de um habitat que se adapte efetivamente às condições em constante mudança. Interessa-me, nesse contexto, observar as diversas estratégias adotadas pelos seres, que lhes permitem funcionar em um espaço comum que é palco de diversos conflitos.

Microbiologia ambiental de locais de extermínio em massa

Do ponto de vista biológico, é difícil definir os espaços pós-concentração como “espaços da morte”³ (KŁOS, 2020).⁴ As análises laboratoriais de elementos das construções, artefatos, água e solo revelam a implacável voracidade da vida que ali se desenrola. No entanto, é difícil encontrar nas obras de Zagrodzka representações românticas da natureza, seja como acolhedora ou assustadora, vista em termos estéticos do belo e do sublime. A microbiologia ambiental dos locais de extermínio em massa descreve as diversas formas de vida ali existentes, suas propriedades e modos de existência. As fotografias de Zagrodzka mostram elementos da paisagem dos campos, registram os eventos e processos de deterioração que ocorrem em decorrência da colonização dos objetos (edifícios, elementos de cercas, vegetação) por bactérias, fungos e líquenes. A biodegradação e a corrosão provocada por fatores biológicos levam à alteração da estrutura dos materiais, a danos, descolorações e, conseqüentemente, à decomposição e ruína, mas não é essa leitura que as obras da artista propõem. Graças aos filtros coloridos, que lembram descolorações, sombras, manchas e marcas provocadas pela atividade de bactérias e fungos, as imagens micrográficas de Zagrodzka nos fazem perceber que somos espectadores dos processos que ocorrem no âmbito da cadeia trófica. Os fungos do mofo – que incluem também os protagonistas do trabalho de Zagrodzka, a *Alternaria alternata*⁵ – são heterotróficos. Eles obtêm

3 NT: “Espaços da morte” é uma tradução literal de “przestrzenie śmierci” e faz referência aos campos de extermínio (ou campos da morte) construídos pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial, especificamente para o assassinato em massa e sistemático de milhões de pessoas, principalmente judeus, como parte da “Solução Final”. Ao contrário dos campos de concentração, que eram principalmente centros de trabalhos forçados ou de detenção, os campos de morte existiam exclusivamente para a execução dos prisioneiros logo na chegada.

4 No contexto dos campos de extermínio, Agnieszka Kłos (2020) descreve esses espaços com a metáfora evocativa “matzeva verde”.

5 NT: O projeto *Alternaria Alternata*, de Anna Zagrodzka, foi exibido em 2022, no Fort Institute of Photography Foundation, em Varsóvia, Polônia. De acordo com a autora, a exposição foi resultado de observações e das subseqüentes imagens da matéria que permanece nos antigos campos de extermínio do Holocausto, que inclui a biosfera, bem como as estruturas construídas por humanos nesses espaços desumanizantes. O título da obra refere-se ao nome do fungo *Alternaria alternata*, conhecido por estar entre os organismos mais expansivos de todos, encontrado durante as

alimento colonizando diversas superfícies e decompondo enzimaticamente as substâncias ali presentes. A *Alternaria alternata* é conhecida na literatura antropocêntrica, sobretudo, por produzir toxinas perigosas para os seres humanos, causando diversas alergias e doenças, como mostram as legendas das fotografias da artista. As fotos das árvores mostram ainda que a *Alternaria alternata* também é perigosa para as plantas. Ela é classificada como um “parasita da fraqueza” que ataca árvores velhas e enfraquecidas. Trata-se também de fungos que frequentemente ocorrem em feridas em árvores, como pinheiros, causando o azulamento da madeira. Esse fenômeno é documentado no projeto de Zagrodzka por meio do uso de fotografias em infravermelho (IR), que revelam a realidade da vida das plantas, invisível ao olho nu.

A memória da vida

Como afirma Lynn Margulis (2001, p. 99), “tudo o que vive possui uma memória química que não pode ser datada por meio de medição direta”.⁶ Seguindo a linha da teoria da simbiogênese de Margulis, pode-se dizer que as fotografias de Anna Zagrodzka, que retratam bactérias e fungos e seus habitats, nos lembram mais do que o trauma dos massacres nos campos de extermínio. Elas não remetem apenas às plantas e aos objetos, mas a algo ainda mais profundo: a origem comum e a herança do “metabolismo primitivo”; à simbiose pré-histórica. Nesse contexto bio-humanista, os processos relacionados à química do carbono e à microbiologia ambiental tornam-se, para a compreensão da vida do mundo/planeta, tão importantes quanto os processos históricos. O projeto de Anna Zagrodzka documenta os processos de transformação da matéria ao interagir com os organismos que a colonizam. Ele também mostra a resiliência, a capacidade de adaptação e a mutação dessas formas de vida diante de condições adversas. As fotografias da artista suscitam a questão sobre o que essas colônias vivas de microrganismos nos dizem sobre a realidade atual dos locais de extermínio em massa. Será que essas bactérias e fungos poderiam ser utilizados para preservar essas áreas, e de que forma? É possível investigar as possibilidades de cultivar microrganismos que favoreçam a preservação dos locais, em vez de se concentrar apenas na biodeterioração microbiológica?

Ao apresentar o conceito do projeto, Zagrodzka escreve:

As fotografias servem como um comentário às práticas de conservação aplicadas nos campos de extermínio nazistas, mostrando como a natureza transforma os vestígios da história. As pesquisas microbiológicas são

“peregrinações microbiológicas” da autora nos campos de extermínio, revelando a vida após a vida nesses ambientes impregnados pelo sofrimento humano. Mais informações sobre o projeto no site da autora: <https://annazagrodzka.com/alternaria-alternata/>.

6 NT: Tradução própria do original: “All life has chemical memory that cannot be dated by direct measurement”. O livro de Margulis foi recentemente traduzido para o português como “Planeta Simbiótico” pela editora Dantes (2022).



Figura 2. Anna Zagrodzka, "Alternaria alternata," fot. Anna Zagrodzka.

utilizadas para demonstrar como a filosofia da conservação mudou ao longo dos anos. A conservação é aqui entendida como uma manifestação da memória. A luta pela preservação de uma imagem coerente da história ocorre em vários níveis, inclusive em escala microscópica. O projeto analisa procedimentos laboratoriais específicos que retardam o processo de transformação da matéria. Seu objetivo é capturar a imagem fotográfica de organismos não humanos, o que pode nos ajudar a nos acostumar com esse



Figura 3. Anna Zagrodzka, "Alternaria alternata," fot. Anna Zagrodzka.

tipo de forma de vida. A documentação fotográfica realizada em escala microscópica não só permite adotar uma perspectiva "higiênica", na qual a prioridade é a destruição de certos fungos, mas também permite valorizar sua resiliência e capacidade de sobrevivência. Nesse caso, não há muito espaço para criar uma rede de segurança para os não humanos, pois isso exigiria abandonar os espaços colonizados por esses organismos.⁷

O projeto de Zagrodzka leva, portanto, a uma reflexão crítica sobre a ideia de "pureza microbiológica", que conduz à aniquilação de formas de vida consideradas pelos seres humanos como destrutivas, impuras, indesejadas e/ou hostis. A

⁷ Anna Zagrodzka, *Alternaria alternata*. Declaração inédita da artista (em posse da autora).



Figura 4. Anna Zagrodzka, "Alternaria alternata," fot. Anna Zagrodzka.

Alternaria alternata constitui um elemento importante da versão microbiológica da história visual, que tem início com nossos ancestrais comuns, as bactérias. Nesse contexto, as imagens de Zagrodzka questionam a identificação, muitas vezes considerada óbvia, entre o direito à existência e à vida e o direito de respirar; elas suscitam a reflexão de que o domínio da vida aeróbica complexa não é nem

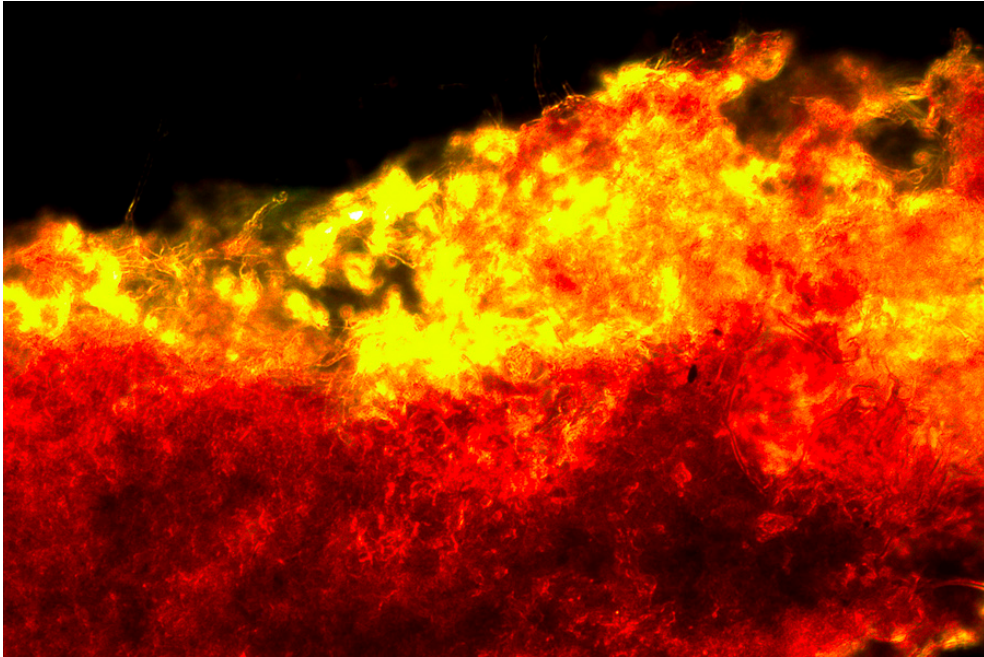


Figura 5. Anna Zagrodzka, "Alternaria alternata," fot. Anna Zagrodzka.

eterno nem universal, mas limitado a um período específico da existência na Terra. As *Alternaria alternata* são, portanto, tanto seres biológicos reais quanto figuras artísticas que remetem tanto ao passado remoto, quando os organismos aeróbicos começaram a dominar a Terra, quanto a um futuro distante, pois, se as previsões dos cientistas estiverem corretas, daqui a um bilhão de anos os níveis de oxigênio diminuirão, os de metano aumentarão e a vida na terra e na água deixará de existir, restando apenas os microrganismos (Ozaki; Reinhard, 2021). As obras de Zagrodzka, portanto, nos inspiram a refletir sobre o lugar do ser humano enquanto organismo aeróbico complexo entre outras formas de vida, a brevidade da existência humana em comparação com o tempo geológico da Terra, além de questões sobre resiliência, sobrevivência e as possibilidades de coexistência em condições de conflito.

Humanidades de campo e as artes de atentividade

Pesquisas de campo são comuns não apenas nas artes como nas humanidades em geral e constituem um dos métodos principais de coleta de dados. Como afirma Diana Lelonek, as humanidades estão se tornando cada vez mais de campo:

O Centro para Coisas Vivas desenvolve uma série de atividades nas quais a pesquisa de campo ocupa um lugar de destaque. O trabalho envolve o mapeamento de áreas de lixo a céu aberto em florestas, periferias, prados [...]. Mapeamos esses terrenos ontologicamente incertos para

demonstrar como as concepções clássicas da Natureza não conseguem captar seu verdadeiro caráter, que, na era do Antropoceno, foi radicalmente alterado. Esses esforços sustentam nossa hipótese de que a linguagem, juntamente com todo o aparato conceitual que a sustenta e a perspectiva antropocêntrica que ela reflete, chegou ao limite e deixou de ser suficiente (Lelonek, 2021, p. 13).

Da mesma forma, ao reunir material e conhecimento para seus trabalhos, Anna Zagrodzka visitou muitos campos de extermínio, como Auschwitz-Birkenau, Bełżec, Majdanek, Treblinka e Stutthof. Uma qualidade característica da condição das humanidades contemporâneas é que as pesquisas de campo são acompanhadas por pesquisas laboratoriais. Fala-se até mesmo da “laboratorização” das humanidades (Małczyński; Kil-Matlak; Wolska, 2025).⁸ Não se trata aqui apenas de fortalecer a posição das humanidades por meio da valorização de seus aspectos científicos, simbolizados pelo laboratório ou pela ideia de trabalho em equipe, mas também — como é o caso das obras de Anna Zagrodzka — de mostrar as competências transdisciplinares (no sentido de conectar as humanidades, as ciências sociais e as ciências naturais) de muitos pesquisadores e artistas contemporâneos, sobretudo em mostrar o mundo a partir de uma escala microscópica, que não é perceptível nas pesquisas clássicas.

Não há dúvida de que estamos diante de uma mudança de paradigma quando, como expressou veementemente Imre Lakatos, “a teoria não acompanha os fatos”, tornando-se especialmente necessário construir uma nova metalinguagem, novas teorias e novos métodos que partam da análise dos novos fenômenos presentes na realidade que nos rodeia, a fim de tornar essas teorias e os métodos “comensuráveis” ao mundo em transformação (Domańska, 2020a). Ao mesmo tempo, o objetivo é que as interpretações apresentadas ajudem a compreender as mudanças em curso e que as conclusões das pesquisas ofereçam soluções para os problemas postos. É possível observar, assim, uma mudança no foco dos interesses de pesquisa: da identificação, passando pela análise e interpretação dos problemas, seguindo para sua crítica e, por fim, para a busca de estratégias para sua resolução. As humanidades passaram a ser não apenas engajadas, mas também (cada vez mais) práticas e aplicadas, o que significa que os resultados das pesquisas devem fornecer soluções para diversos problemas.

Assim como a necessidade do trabalho de campo, Anna Tsing sugere que investiguemos os “padrões de coordenação não intencional” dos diversos atores humanos e não humanos e que analisemos o potencial para uma “sobrevivência colaborativa”. A pesquisadora afirma que “esse tipo de percepção é exatamente aquela necessária para se apreciarem os múltiplos ritmos e trajetórias temporais

⁸ Ver também: Bruno Latour (1983).

da assembleia” (TSING, 2022, p. 68-69). O método de pesquisa etnográfica proposto por Tsing, o qual se baseia nas “artes de notar” (em inglês, *arts of noticing*) outras formas de existência, foi desenvolvido por Thom van Dooren, Eben Kirksey e Ursula Münster nas “artes de atentividade” (em inglês, *arts of attentiveness*), no sentido de um interesse em cuidar e criar interações com diversas formas e modos de vida (Tsing, 2022; Van Dooren; Kirksey; Münster, 2016). Na verdade, van Dooren, Kirksey e Münster vão um passo além do conceito de Tsing, propondo transformar “perceber em atentividade” (em inglês, *transforming noticing into attentiveness*), ou seja, “no cultivo de habilidades tanto para prestar atenção aos outros como para responder significativamente” – concreta e seriamente, eu acrescentaria. Essas práticas, portanto, exigem o desenvolvimento de novas formas de atentividade – por exemplo, novas práticas de comunicação que permitam um melhor conhecimento mútuo, bem como o aprendizado de relações recíprocas que visem alcançar uma coexistência satisfatória para ambas as partes. “A atentividade”, escrevem os autores, “pode e deve ser a base para elaborar melhores possibilidades de vida compartilhada” (Van Dooren; Kirksey; Münster, 2016, s.p.).

Além da importância do trabalho de campo e das artes da atentividade, acrescentaria a técnica utilizada por Zagrodzka de usar fotos Polaroid como, nas palavras da artista, “anotações rápidas”. Nesse caso, a autenticidade dessas fotos é particularmente importante; elas não podem ser alteradas, nem mesmo no Photoshop. Elas são, portanto, únicas e irrepetíveis, possuindo, além disso, um valor artístico conferido pelo desfoque, pela suavidade dos contornos e por uma certa imperfeição. Elas também são, em certo sentido, como destaca Zagrodzka, uma espécie de “objetos vivos”, uma vez que os processos químicos ocorrem constantemente e se manifestam, entre outras coisas, nas mudanças de tonalidade.

Ao refletir sobre as abordagens e técnicas de pesquisa, vale a pena considerar também uma mudança de perspectiva inspirada por Bruno Latour (2001), que nos incentiva a pensar além do antropocentrismo e a questionar como essa mudança poderia transformar a interpretação das obras de Zagrodzka. Isso significaria reconhecer que não são apenas as bactérias, os fungos e os líquenes fotografados pela artista que “mudam” os seres humanos, mas também que os seres humanos “mudam” os microrganismos e as plantas e que esse encontro transforma fundamentalmente ambos.⁹

9 Como escreveu Latour, “asseguramos historicidade aos microrganismos e não apenas aos humanos que os descobriram. Isso pressupõe que sejamos capazes de dizer que não apenas os micróbios-para-nós-humanos, como também os micróbios-para-si-mesmos mudaram desde os anos 1850. Seu encontro com Pasteur mudou-os igualmente. Pasteur, digamos, ‘aconteceu’ para eles” (2001, p. 170).

Adaptação como desfamiliarização

Ao começar um novo tema de pesquisa, cada vez mais me pergunto não apenas sobre o estado da arte, a literatura disponível, o material empírico, a escolha dos quadros teóricos e das metodologias de pesquisa, mas, sobretudo, por que e para quem o problema em questão é importante e se contribui para a construção de uma “cultura de preparação” (em inglês, *culture of preparedness*) para situações de crise individuais e coletivas.¹⁰ Nesse contexto, há a necessidade de compreender o conhecimento humanístico como um conhecimento voltado para o futuro, que estimula o pensamento antecipatório e, mais importante, mobiliza a imaginação criativa, o pensamento de design (*design thinking*), bem como o pensamento em termos de previsão. O pensamento voltado para o futuro nas humanidades requer, além disso, uma metalinguagem – um conjunto de conceitos-chave, métodos, teorias e perspectivas de pesquisa – que atendam às necessidades cognitivas da sociedade atual e definam campos alternativos de conhecimento necessários para lidar com os problemas da contemporaneidade. Nos acervos do conhecimento, procuro, portanto, uma espécie de “superestrutura cognitiva”, ou – para usar as palavras de Jacek Wachowski – “repositórios conceituais de conhecimento”, que ainda não têm aplicação clara nas pesquisas em humanidades, pois constituem soluções prototípicas para um conhecimento que ainda está por surgir (Wachowski, 2020, p. 91). Procuro-as na literatura, na poesia, no cinema e, sobretudo, nas práticas artísticas, nas pinturas, nas performances ou nas instalações, que ajudam a redefinir o conhecimento humanístico e a orientá-lo para um futuro possível, embora imprevisível.¹¹

Nesse processo desafiador de mudança de pensamento, capaz de tirar os pesquisadores de seus modos habituais de reflexão, é particularmente útil o tipo de arte que denomino “arte prefigurativa” – do latim *prae*, que significa o prefixo “pré” + *figūrāre* (moldar) ou *figūra* (forma) –, uma arte que não seja apenas e não tanto capaz de imaginar o futuro de antemão, mas que, acima de tudo, participe da construção de cenários possíveis para o futuro; e crie espaço para o futuro, permitindo que ele chegue e trace trajetórias de mudança (Domańska, 2017).¹² Essa arte também engaja frequentemente com diversas figuras desconhecidos e/ou tipos “estranhos” de subjetividade, que são precursores do futuro. Ela se

10 O termo “cultura de preparação” militariza a linguagem, uma vez que é utilizado na estratégia militar (uma cultura de preparação para o combate como a capacidade de responder rapidamente); aqui, no entanto, refere-se a uma cultura capaz de se adaptar rapidamente e, muitas vezes, de forma radical a condições em constante mudança, uma cultura preparada para as mudanças impostas por crises e desastres novos e permanentes. Este texto foi escrito por Russel L. Honoré, um general aposentado e comandante do Exército dos Estados Unidos que foi responsável pela coordenação da operação de resgate após o devastador furacão Katrina em 2005. Ver: Honoré (2009).

11 NT: Essas ideias são desenvolvidas no projeto atual de Domańska sobre história antecipatória. Cf. Ewa Domańska (2021a).

12 NT: Ver também o projeto das “humanidades prefigurativas” de Domańska (2021b).

concentra em trabalhos de base, na iniciação e na prática de ações concretas, bem como na promoção de atitudes sociais que tornem a sociedade mais preparada e resiliente a diversas ameaças (Cf. Depczyński; Stefańska, 2021; Wright, 2013; Żmijewski, 2010; Aikens, 2015). A arte prefigurativa tem, portanto, um importante potencial – especialmente nos dias de hoje, marcados por crises permanentes e ameaças constantes – de ativar as capacidades de resiliência individuais e coletivas (Stęпка, 2021).

A obra de Anna Zagrodzka possui uma importante dimensão educacional e filosófica. As observações em laboratório e em campo dos processos de decomposição, conservação ou da luta pela sobrevivência e domínio podem ajudar as pessoas a aprenderem a lidar com os processos inevitáveis da vida que compartilhamos com todos os organismos vivos. Movimento, respiração, nutrição, crescimento, reprodução e reação a estímulos revelam a natureza cíclica da existência biológica. Pode-se, portanto, dizer que o projeto de Zagrodzka complementa e se expande sobre a visão humanística da existência humana, lembrando-nos de suas bases biológicas. Como escreve Joanna Rajkowska, ao comentar sua *Trafostation* (em português, “subestação”), essa obra é um “gesto de desfamiliarização” (Rajkowska, 2016); ela mostra que somos uma forma de vida à base de carbono, matéria orgânica, e que, mais cedo ou mais tarde, o mesmo destino nos aguarda a todos – a decomposição orgânica e a reintegração no ciclo da matéria. Obras como essa têm, portanto, o objetivo de nos privar da arrogância humana e da convicção na superioridade da espécie, curando-nos do chauvinismo de espécie.

O trabalho de Zagrodzka insere-se na tendência da “bioarte”¹³ da arte contemporânea, que investiga e avalia fenômenos e eventos a partir de uma perspectiva contemporânea dos processos vitais (orgânicos e tecnológicos), entendidos em sentido amplo, e que concebe o ser humano como um elemento da vida do planeta. Também mostra que a continuidade (ou a sobrevivência) do *Homo sapiens* exigirá que a espécie se prepare para processos de adaptação de longo prazo a condições em constante mudança e cada vez mais difíceis. Nesse contexto, a adaptação implica na capacidade de desaprender hábitos culturais e tecnológicos, bem como de se alhear da própria humanidade (em inglês, *un-becoming human*), de se “desumanizar” no sentido de aprender a lidar com a própria não excepcionalidade e abandonar o chauvinismo de espécie.¹⁴ É preciso, portanto, acostumar-se às ruínas como um habitat humano normal, bem como ao nosso próprio lugar e papel (como predadores) na cadeia alimentar, e talvez também habituar-se à ideia de que a humanidade é um estado transitório e que somos humanos apenas aqui e agora.

13 NT: no original, a autora se refere ao termo polonês “bioprezentystyczny” que, em sentido literal, significa arte “biopresentista” (bio + presentismo), uma tendência contemporânea que engloba arte, ciências biológicas e tecnologia. A tradutora optou por traduzir como bioarte.

14 NT: Cf. Domańska (2020b).

Referências

AIKENS, Nick. The Use of History and the Histories of Use: Museum of Arte Útil and Really Useful Knowledge, **L'Internationale Online**, 2015. Disponível em: https://archive-2014-2024.internationaleonline.org/research/alter_institutionality/14_the_use_of_history_and_the_histories_of_use_museum_of_arte_util_and_really_useful_knowledge. Acesso em: 2 Nov 2021.

DEPCZYŃSKI, Jakub; STEFAŃSKA, Bogna. Sztuka użyteczna. Praktyki artystyczne wobec kryzysu klimatycznego [Arte aplicada: práticas artísticas em resposta à crise climática], **Quart, Muzeum Sztuki Nowoczesnej**, v. 59, n. 1, 2021, pp. 66-86.

DOMAŃSKA, Ewa. Anticipatory Knowledge, in Zoltán Boldizsár Simon, Ewa Domańska e Marek Tamm, Anthropocenic Historical Knowledge: Promises and Pitfalls, **Rethinking History**, v. 25, n. 4, 2021a, pp. 424-427.

DOMAŃSKA, Ewa. Prefigurative Art and Micro-Utopias, **Public History Weekly**, 13 Abr 2017. Disponível em: <https://public-history-weekly.org/5-2017-14/prefigurative-art-micro-utopias/>. Acessado em: 15 Jun 2026.

DOMAŃSKA, Ewa. Prefigurative Humanities, **History and Theory**, v. 60, n. 4, 2021b, pp. 141-158.

DOMAŃSKA, Ewa. The Paradigm Shift in the Contemporary Humanities and Social Sciences, in KUUKKANEN, Jouni-Matti (org.). **Philosophy of History: Twenty-First-Century Perspectives**. Oxford, London, New York: Bloomsbury, 2020a, pp. 180-197.

DOMAŃSKA, Ewa. Unbinding from Humanity: Nandipha Mntambo's Europa and the Limits of History and Identity. **Journal of the Philosophy of History**, v. 14, 2020b, pp. 310-336, doi:10.1163/18722636-12341452.

GUTAROWSKA, Beata. **Raport końcowy z projektu badawczego**. Badania nad korozją biologiczną obiektów na terenie muzeum Auschwitz-Birkenau w zakresie rozpoznania i zwalczania czynników biologicznych. [Relatório final do projeto de pesquisa. Estudos sobre a corrosão biológica de objetos no recinto do museu de Auschwitz-Birkenau no que diz respeito à identificação e combate a fatores biológicos]. Período de pesquisa: 1 Out 2013 – 30 Out 2015. Coordenador do projeto: Profa. Dra. Beata Gutarowska. Disponível em: https://auschwitz.org/gfx/auschwitz/userfiles/auschwitz/gpk/04_badania_wstep/korozja_biologiczna/04.03._wyniki_badan.pdf. Acesso em: 2 Nov 2021.

HONORÉ, R. L. **Survival: How a Culture of Preparedness Can Save You and Your Family from Disasters**. Nova Iorque, Londres: Atria Books, 2009.

JACH, Aleksandra. Interspecies Conservation, **Obieg**, n. 6, 2017. Disponível em: <https://obieg.pl/85-konserinterspecies-interaction>. Acesso em: 2 Nov 2021.

KŁOS, Agnieszka. The Green Matzevah. **Journal of Genocide Research**, v. 22, n. 2, 2020, pp. 220-240 (dossiê “Environmental History of the Holocaust”, org. Ewa Domańska e Jacek Matczyński).

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. Give Me a Laboratory and I will Raise the World, in: K. Knorr-Cetina e M. Mulkay (orgs.), **Science Observed: Perspectives on the Social Study of Science**. Londres: Sage, 1983, p. 141-170.

LELONEK, Diana. Field Research and Classification of Post-Productive Environments. in **Atlas śmiecioroślin / Wasteplants**. Poznań: Galeria Miejska Arsenał, 2021.

MAŁCZYŃSKI, Jacek; KIL-MATLAK, Aleksandra; WOLSKA, Dorota (orgs.). **The Humanities Laboratory**. From Design to Archaeology. Lausanne: Peter Lang, 2025.

MARGULIS, Lynn. **Symbiotic Planet**. A New Look at Evolution. Londres: Phoenix, 2001.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. Artigo de Achille Mbembe. Trad. Mariana Pinto dos Santos e Marta Lança, **Instituto Humanitas**, Unisinos, 17 Abr 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/598111-o-direito-universal-a-respiracao-artigo-de-achille-mbembe>. Acesso em: 16 Jun 2026.

OZAKI, K; REINHARD C.T. The Future Lifespan of Earth's Oxygenated Atmosphere. **Nature Geoscience**, ano 14, 2021, pp. 138-142.

PIJARSKI, K; ZAGRODZKA, A. **Tondo**. Między sztuką a nauką [Tondo. Entre a arte e a ciência], 2021. Disponível em: <https://ton-mag.pl/miedzy-sztuka-a-nauka/>. Acesso em: 2 Nov 2021.

RAJKOWSKA, Joanna. **Cycle of matter.** Un-timing. Aleksandra Jach talks to Joanna Rajkowska, 2016. Disponível em: <https://www.rajkowska.com/en/obieg-materii-od-swajanie-rozmowa-oli-jach-z-joannarajkowska/>. Acesso em: 15 Jun 2026.

STĘPKA, Maciej. Rezyliencja jako paradygmat bezpieczeństwa w czasach przewlekłych kryzysów [Resiliência – em busca de segurança em tempos de crises permanentes], **Przegląd Politologiczny**, v. 26, n. 2, 2021, pp. 105-117. Disponível em: <http://przeglad.amu.edu.pl/wp-content/uploads/2021/07/pp-2021-02-07.pdf>. Acesso em: 4 Set 2021.

TONIAK, Ewa. Biotechnologia fotografowania. Ewa Toniak rozmawia z Anną Zagrodzką [Biotechnologia da fotografia. Ewa Toniak conversa com Anna Zagrodzka]. **Szum**, 11/08/2017. Disponível em: <https://magazynszum.pl/biotechnologia-fotografowania-rozmowa-z-anna-zagrodzka/>. Acesso: 2 Nov 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo:** sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Trad. Jorgge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

VAN DOOREN, Thom; KIRSKEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Trad. Susana Dias. **ClimaCom** [online], Campinas, Incertezas, ano 3, n. 7, Dez 2016, pp. 39-66. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>. Acesso em: 16 Jun 2026.

WACHOWSKI, J. **Transakty.** Między sztuką, nauką i technologią. Nowe strategie performowania wiedzy [Transações. Entre arte, ciência e tecnologia. Novas estratégias de representação do conhecimento]. Cracóvia: Universitas, 2020.

WRIGHT, Stephen. **Toward a Lexicon of Usership.** Eindhoven: Van Abbemuseum, 2013. Disponível em: <https://share.google/OwEp1gl6fj59ezGDz>. Acesso em: 15 Jun 2026.

ŻMIJEWSKI, Artur. **The Applied Social Arts.** Dublin: Fire Station Artists Studios, 2010. Disponível em: <https://share.google/nVS7khruUFAleudQp>. Acesso em: 15 Jun 2026.

Ewa Domańska

Professora titular de Ciências Humanas na Faculdade de História da Universidade Adam Mickiewicz, em Poznań, Polônia, e membro correspondente da Academia Polonesa de Ciências (PAS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0875-976X>.

Tradução de Taynna Marino

Mestra (2020) e licenciada (2017) em História pela Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora (2025) em História pela Universidade Adam Mickiewicz (Poznań, Polônia).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4258737362764396>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8368-0448>